

Feirante suspeita de terreno da Ceasa

Barraqueiros da Feira do Paraguai afirmam que área escolhida para fixação não é do GDF. Faltam cinco dias para a remoção

Fredson Charlson
Da equipe do **Correio**

Contagem regressiva. Faltam cinco dias para o GDF cumprir o prazo estipulado pelo Ministério Público para retirar os 1.264 barraqueiros da Feira do Paraguai do estacionamento do estádio Mané Garrincha. O endereço atual dos feirantes é considerado ilegal para cadastro pela Receita Federal e, por isso mesmo, fator decisivo da mudança.

Será que agora vai? A pergunta perturba as milhares de pessoas que vivem em função da feira e o governo de Cristovam Buarque — preocupado em seguir à risca o Movimento Brasília Legal, deflagrado por ele mesmo na última quinta-feira.

As máquinas da Novacap continuam trabalhando no terreno de 70 mil metros quadrados ao lado da Ceasa, próximo ao Setor de Indústria, destinado a abrigar os feirantes do Paraguai, além de núcleos de venda informal, como os camelôs do Conic, Setor Comercial e Guará. O terreno ainda não está pronto para abrigar os feirantes. Deve estar pavimentado e asfaltado em 15 dias.

Resta saber se os barraqueiros serão, finalmente, convencidos a sair de sua “sede”, inaugurada pelo próprio governador em 27 de maio de 1995. Os feirantes denunciavam que o terreno destinado ao lado da Ceasa pertence ao Ministério da Agricultura e faz parte do patrimônio da Cibrasem e Conab. Ninguém do ministério ou dos órgãos foi encontrado para esclarecer a propriedade do terreno.

Os feirantes vivem dias tumultuados. Além da mudança, eles têm a vida perturbada pelo apoio dos 20 deputados, que desafiaram o governo ao decidir pela permanência da feira no lugar atual.

NOTAS FISCAIS

A antiga diretoria da Comissão Provisória da Feira de Brasília, liderada pelo ex-administrador Francisco de Assis Azaro, foi destituída com mais de 1,1 mil assinaturas dos feirantes. A atual gestão é da feirante Meire Amorim.

“Ele (Francisco) saiu porque ameaçou os barraqueiros que não queriam ir para o terreno ao lado da Ceasa de providenciar a proibição do alvará de funcionamento de suas bancas em todo o Distrito Federal. Disse que só iriam para lá os que quisessem constituir uma grande empresa para importações, sob a sua presidência”, explica Joel Camara, advogado da Cooperativa

dos Trabalhadores Ambulantes da Feira do Paraguai.

O advogado promete entrar com um mandado de segurança contra o GDF. Para isso, falta apenas conseguir as notas fiscais dos barraqueiros — Joel assegura provar que 90% das compras são feitas em São Paulo —, além dos alvarás de funcionamento das barracas, concedidos pela Administração de Brasília.

O domingo foi tranquilo. Só para variar, de poucas vendas. O assunto da moda, em praticamente todas as barracas, era o trio cadastramento-mudança obrigatória-violência. “Estou pensando em me cadastrar lá na Ceasa, mas nós só vamos sair daqui depois de um acordo muito bem feito. Se eles (o governo) vierem com a polícia e a sua violência pode até acontecer morte aqui”, contou, revoltada, a feirante Leila Rolim, 32 anos, dona da barraca 93, que comercializa bichos de pelúcia.

O vendedor de produtos eletrônicos da barraca 973, Antônio Paiva, 35 anos, é outro que não acredita que a mudança para o terreno ao lado da Ceasa possa acontecer em um prazo mínimo. “O terreno foi contestado

porque pertence ao Ministério da Agricultura. Outro motivo é a situação da área, puro cascalho, sem infra-estrutura nenhuma”, acusa o feirante.

APOIO À MUDANÇA

“Por outro lado, a área é bem localizada. Se nos derem condições vamos para lá numa boa. É o que a maioria aqui quer. E já estou pensando em me cadastrar amanhã”, acredita.

Os feirantes também reclamam do aumento de barraqueiros no novo local. “É unânime a idéia de que o número de barracas deve ficar como está. Já está difícil sobreviver”, questiona Normando Aires da Silva, 54 anos, dono da barraca 980, especializada em relógios.

“É verdade, aqui tem muito cara ‘quebrado’ que gasta o cartão de crédito inteiro no Paraguai e chega aqui sendo obrigado a vender a mercadoria pelo preço de custo, para cobrir o buraco”, conta Raimundo Matos, 30 anos, vendedor de cosméticos.

Muito cara “quebrado” e também muito cara bem de vida, em condições de montar seus negócios de forma regular. Alguns, donos de mais de uma barraca, que tem um valor unitário avaliado em cerca de R\$ 80 mil. Bom negócio para um local bastante popular, conhecido e frequentado por 70% da população do DF, em recente pesquisa do Instituto Soma e Opinião. Será que vai?

Edson Gés



O terreno ao lado da Ceasa já está sendo preparado pelo GDF para fixar a Feira do Paraguai, mas barraqueiros dizem que área é do Ministério da Agricultura